



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MYRELLA DE FARIAS MADUREIRO SOUSA

SEPARAÇÃO AMOROSA E DEVASTAÇÃO FEMININA

CAMPINA GRANDE – PB

2016

MYRELLA DE FARIAS MADUREIRO SOUSA

SEPARAÇÃO AMOROSA E DEVASTAÇÃO FEMININA

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao curso de graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Elisângela Ferreira Barreto.

CAMPINA GRANDE – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725s Sousa, Myrella de Farias Madureiro.
Separação amorosa e devastação feminina [manuscrito] /
Myrella de Farias Madureiro Sousa. - 2016.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e
da Saúde, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Elisângela Ferreira Barreto,
Departamento de Psicologia".

1. Separação. 2. Amor. 3. Sofrimento psíquico. 4.
Sexualidade feminina. I. Título.

21. ed. CDD 150.195 2

MYRELLA DE FARIAS MADUREIRO SOUSA

SEPARAÇÃO AMOROSA E DEVASTAÇÃO FEMININA


Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao curso de graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciado em Psicologia.

Aprovado em 25/05/2016

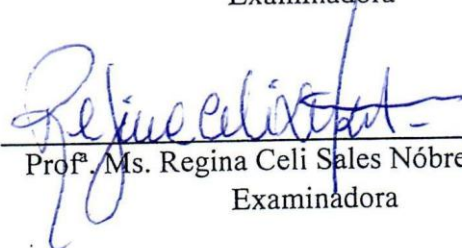
BANCA EXAMINADORA


Prof^ª. Dr^ª. Elisângela Ferreira Barreto

Orientadora


Prof^ª. Dr^ª. Jaílma Belarmino Souto

Examinadora


Prof^ª. Ms. Regina Celi Sales Nóbrega Santana

Examinadora

A **Deus**, razão de tudo o que tenho e sou, por estar sempre comigo, ajudando-me a superar as adversidades e iluminando os meus caminhos.

Ao meu filho **Matheus**, por existir e me inspirar a viver! Pela oportunidade de experimentar a mais pura forma de amor.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Carlos Magno, pelo amor, companheirismo, respeito e apoio em toda a jornada deste meu sonho.

Aos meus pais, Osanildo e Inalda, com muita gratidão, por todo amor, esforço, oportunidades, dedicação e apoio aos meus estudos.

À minha avó Inácia Madureiro, pelo amor, atenção e orações constantes para que tudo dê certo nas minhas escolhas.

Ao meu irmão Márcio e demais familiares, pelo estímulo, carinho e compreensão.

À minha orientadora, Dra^a Elisângela Ferreira Barreto, pela prontidão e disponibilidade em aceitar realizar comigo este trabalho, pela amizade, orientação e aposta.

A todos os colegas de turma, pela parceria e amizade ao longo desse curso, especialmente Kalina, Camila, Luana, Angélica, Kely e Leonam, com quem pude compartilhar momentos inesquecíveis.

A todos os professores do curso, pela contribuição para o meu aprendizado acadêmico e de vida.

RESUMO

Uma das mais difíceis experiências dos sujeitos na vida se dá diante de uma separação amorosa e todo sofrimento psíquico dela decorrente. Sabendo-se que os sujeitos assumem posições diferentes nas relações amorosas, no tocante ao gozo masculino e feminino, a mulher na lógica fálica encontra-se localizada do lado não-fálico, do lado de um gozo para além da linguagem, infinito, não havendo significante que a represente. O sujeito neurótico busca sua localização a partir do desejo do outro, seja na sua infinita demanda de amor à mãe seja ao parceiro, o qual, na relação amorosa, sustenta sua localização subjetiva. Assim, este estudo tem por objetivo discutir sobre as peculiaridades que envolvem e particularizam a separação amorosa nos sujeitos femininos, em especial, sobre a constituição do feminino e suas vicissitudes neste processo. Para tal, foi feita uma pesquisa bibliográfica com base no arcabouço teórico freudo-lacaniano, a partir da qual vimos que tanto para o masculino quanto para o feminino, o amor é tecido pela falta, pela castração, e pela ilusão de ambos em dar um ao outro o falo que não o tem. A mulher que encontra sua identificação feminina enquanto objeto causa de desejo do outro na relação amorosa, ao término dessa parceria, poderá atravessar a angústia que remete a uma espécie de dissolução de si mesma, do lugar de um ser “fora de lugar”, devastado, visto que o amor e a devastação têm uma relação estreita, pelos seus ambos registros na falta de significante do Outro.

Palavras-chave: Separação; Feminino; Devastação.

INTRODUÇÃO

*“Oh, pedaço de mim
 Oh, metade adorada de mim
 Lava os olhos meus
 Que a saudade é o pior castigo
 E eu não quero levar comigo
 A mortalha do amor
 Adeus”
 Pedaço de mim, Chico Buarque*

A separação amorosa é tema de inúmeras criações artísticas, filmes, músicas, poesias, livros, que discorrem sobre tal questão, inspirando desde artistas a cientistas e, porque não dizer, também causando interrogações aos estudiosos da Psicanálise. Quando se fala acerca de relacionamento amoroso, podemos, por vezes, equipará-lo a uma cena teatral em que cada personagem reencena seu mundo interno em prol de toda ilusão de expectativas do outro, em que cada membro desse vínculo, a partir de fantasias inconscientes sobre uma relação amorosa, estabelece um elo no qual ambos buscam atender ao outro na espera de ser atendido em suas necessidades.

A partir das fantasias inconscientes sobre a pessoa amada e a felicidade na relação amorosa, o amor é o responsável pela ilusão de encontrar no parceiro o objeto do desejo supostamente capaz de reeditar o encontro mítico com o objeto primordial. O amor promove que o objeto mítico seja encarnado em uma pessoa e provoque a ilusão de seu reencontro (LEVY; GOMES, 2010).

Ao separar-se do parceiro amoroso, o sujeito, sustentado em suas fantasias de completude no outro, pode experimentar na separação a sensação traumática de perceber-se não sendo aquilo que completava seu objeto de amor, em outros termos, na perda da parceria amorosa o sujeito se percebe perdendo o investimento fálico que a parceria amorosa pôde proporcionar. Assim, a separação amorosa pode se tornar uma das mais difíceis experiências da vida psíquica de um sujeito.

Freud (1974 [1917]), em *Luto e Melancolia*, vol. XIV, trata do luto profundo como reação à perda de alguém que se ama como um estado de espírito penoso, podendo inclusive causar a cessação de interesse pelo mundo externo. Foi nos debruçando neste texto, importantíssimo da obra de Freud, que nos foi possível adentrar no processo análogo ao luto que ocorre na perda da parceria amorosa. Entendemos que, para a teoria psicanalítica, o

relacionamento amoroso parte de uma ilusão amorosa em que o sujeito enxerga um ideal de si mesmo no parceiro, criando uma imagem ideal do objeto de amor na ilusão de completude.

A dois, construímos uma outra espécie de identidade, cheia de expectativas, status, estabilidades, ilusões de completude, que na possibilidade de perda, soa como uma morte desse “eu” construído na relação. Em *Luto e Melancolia*, Freud (1974 [1917]) nos descreve de modo preciso o processo realizado do investimento ao desinvestimento que o sujeito em Luto terá que realizar, diante da perda do objeto que ocupou o lugar de ideal de si mesmo. Neste trabalho, pontuaremos como esse processo é vivenciado pelos sujeitos femininos e, para alcançarmos esse objetivo, se fará necessário adentrarmos de modo pontual no processo de construção da sexualidade feminina de acordo com a visão da Psicanálise.

O medo de ser abandonada pelo parceiro e perder seu amor é peculiar na vida psíquica feminina, podendo a perda do objeto de amor revelar-se como uma devastação, uma vez que nos sujeitos femininos, a vida amorosa, muitas vezes, sustenta a posição destes em relação ao outro. Daí a importância que a parceria amorosa pode ter para algumas mulheres.

Considerando-se que, na Psicanálise, os sujeitos assumem posições diferentes nas relações amorosas, no tocante ao gozo masculino e feminino, a mulher na lógica fálica encontra-se do lado de um gozo fora da linguagem, infinito, que não a define enquanto sujeito e, que por vezes, leva-a a devastação, seja na sua infinita demanda de amor seja na separação do seu objeto de amor, relação que sustentava seu ser mulher. Daí, vemos em Lacan (1993), que a demanda de amor da mulher a leva a ponto dela não limitar as concessões feitas ao amado, seja do seu corpo, de sua alma, de seus bens. Segundo Freud (1931 [1996]), as relações amorosas da mulher podem ser herdeiras da relação com a mãe, relação esta, para a maioria das mulheres, devastada, visto a demanda fálica e de amor da filha à mãe, para a formação de uma identidade feminina, demanda, esta, impossível.

Nesse interim, observei em minha experiência no estágio supervisionado na Clínica Escola da UEPB, bem como de leituras acerca desse tópico, a demanda, mais frequente, de mulheres em sofrimento psíquico frente ao rompimento de um laço amoroso e como estas apresentavam-se, por vezes, devastadas pela perda do objeto de amor. Frente a isso, uma questão fomentou meu interesse sobre tal temática: Quais as peculiaridades que envolvem e particularizam a separação amorosa nos sujeitos femininos? Assim, a partir de uma pesquisa bibliográfica com base no arcabouço freudo-lacaniano, debruçar-nos-emos sobre o tema da separação amorosa e devastação feminina, e para tal empreitada, nos serviremos da teoria psicanalítica a respeito da constituição do feminino e suas vicissitudes neste processo.

A SEPARAÇÃO AMOROSA

Uma das definições lacanianas sobre o amor é: “amar é dar o que não se tem” (LACAN, 1964-65/1992, p. 49), isto é, não adequar o desejo a seu objeto, uma vez que, aquilo que quem ama visa, jamais poderá corresponder ao que o amado possa ter. Sobre isso, Filho (2012) nos explica que amar é assumir uma falta de não se sabe o quê, que outrem supostamente teria para oferecer, sendo o sujeito amado um objeto sobrevalorizado que representa o desejo do Sujeito, recobrando lhe seus fantasmas.

Dessa forma, quando um casal se separa, diferentes emoções de intensidades diversas atingem ambos os parceiros, os quais vivem a dor de uma ferida narcísica e colocam em questão sua capacidade de ser amado, duvidando de seu próprio valor.

De acordo com Caruso (1986), a perda do objeto de amor, equivale a morte numa situação vital, em que há uma catástrofe do ego, acarretando a perda de identidade, antes relacionada a vida em casal, e uma considerável regressão do Ego, no que rege a relação dual ligada ao modelo mãe-filho. Assim, equivalente a morte, a perda desse objeto requer um luto, que para Freud (1917), compara-se à reação a perda de um ente querido, em que se perde o interesse pelo mundo externo, havendo inibição de toda e qualquer atividade.

Na separação amorosa como também no luto, o processo de desidentificação com o outro acontecerá de maneira gradativa. Para Freud (1937), este mecanismo está a favor tanto do Id como do Ego quanto do Superego, “Pois o Ego tem de tentar, desde o próprio início, desempenhar sua tarefa de mediar entre seu Id e o mundo externo, a serviço do princípio do prazer” (p. 80). Uma vez que o objeto amado era representante de satisfação ao sujeito, ao perdê-lo, este precisará, em sua elaboração de luto, desinvestir desse objeto para reinvestir em outro, no que Freud (1917) afirma que na perda do objeto amoroso, o processo de desinvestimento é executado “pouco a pouco, com grande dispêndio de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido” (p. 250).

No que rege a economia psíquica nesse processo, podemos entender que a energia antes investida no objeto de amor, na sua perda, retorna para o Eu do sujeito produzindo desprazer no que tange de energia ainda investida em lembranças, o que, por sua vez, desencadeará a descarga de energia nestas, possibilitando ao sujeito, ao término do luto, um novo investimento amoroso.

A partir dessa concepção psíquica de um dos processos do sujeito na perda do objeto de amor, podemos também considerar, conforme Nasio (1997 apud FERREIRA, 2010), a separação amorosa com uma dor psíquica, que pode ser entendida como um sentimento

obsuro, difícil de definir, resultante do efeito sobre o Eu causado por uma perda, ou seja, uma reação a ruptura com o objeto amoroso eleito. Segundo este autor:

A dor psíquica é dor de separação, sim, quando a separação é erradicação e perda de um objeto ao qual estamos tão intimamente ligados – a pessoa amada, uma coisa material, um valor ou a integridade do nosso corpo – que esse laço é constitutivo de nós próprios (NASIO, 1997, p. 18).

Freud (1917 [1915]) considera que o sujeito que vivencia o luto desconhece o valor intrínseco do objeto de amor perdido, “A pessoa enlutada sabe o que perdeu, mas não sabe o que perdeu ao perder o seu amado” (NASIO, 2007, p. 53). Desse modo, o amado não é apenas uma pessoa, mas principalmente uma parte inconsciente de nós mesmos que desmoronará caso esse objeto seja perdido. Ainda sobre esse tema, nos ensina Freud:

O que dói não é perder o ser amado, mas continuar a amá-lo mais do que nunca, mesmo sabendo-o irremediavelmente perdido. Amor e saber se separam. O eu fica espartilhado entre um amor que faz o ser desaparecido reviver, e o saber de uma ausência incontestável (FREUD, 1917 [1915], p. 30).

Em suma, a dor causada pela separação para além da perda de um objeto amoroso, aponta o vazio existencial que todo sujeito experimenta ser suturado ao enamorar-se. Sendo assim, Freud nos ensina que o amor continua mesmo após a perda desse objeto, tendo em vista que esse lugar psíquico tem suma importância na economia psíquica do sujeito e, de certo modo, obtura seu encontro com a castração em última instância. Daí, a separação provocar um desregramento da vida psíquica e um aumento da tensão pulsional, em que o sujeito ao perder o objeto amoroso tem sua energia pulsional sem destino, aumentando, por sua vez, a tensão.

Considerando-se tais apontamentos, partiremos à discussão desta problemática nos sujeitos femininos e algumas particularidades pertinentes a sua posição psíquica.

SEXUALIDADE FEMININA DE FREUD A LACAN

Para a mulher, a angústia experimentada não está somente referida à perda real do objeto, mas à perda do amor por parte do objeto (FREUD, [1926] 1969 apud LEVY; GOMES, 2011). Ligeiro e Barros (2008) enfatizam que o medo de ser abandonada pelo parceiro e perder seu amor é uma invariável na vida psíquica feminina.

Para as autoras, enquanto o homem está submetido à função fálica, nela encontrando um apoio para atravessar os momentos de angústia, a mulher experimenta uma espécie de dissolução de si, perdendo as fronteiras do seu ser, o que Lacan (2007 [1975-1976]) denominou devastação.

Para uma melhor compreensão dessa distinção entre o homem e a mulher na relação amorosa, faremos um breve percurso sobre como os sujeitos atravessam o complexo de Édipo e como seus psiquismos se estruturam em masculino e feminino a partir desse complexo, o que refletirá de forma distinta a vivência de cada um no relacionamento amoroso.

Inicialmente, partiremos das diferentes formas em que o menino e a menina passam pelo complexo edipiano, com base no texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (FREUD, 1996 [1925], p. 285). O menino, inicialmente, tem como objeto de amor, exclusivamente, a mãe, sendo o pai nesta fase inicial do Édipo (assim como para a menina) apenas um coadjuvante na relação entre eles.

Porém, de acordo com o mito edipiano algo da ordem da incompletude se presentifica no menino ao perceber a menina sem o pênis e, posteriormente, a figura materna, fazendo o menino temer a castração do seu órgão, o que o faz sair do complexo de Édipo, via da angústia da castração, e voltar-se para o pai como identificação masculina, prescindindo da mãe como único objeto amoroso.

Na menina, diferentemente do menino que sai do Édipo via o complexo de castração, é ao perceber-se castrada que entrará no Édipo. Também tendo como objeto primordial de amor a mãe, ao se perceber sem o pênis, imagina seu clitóris como um possível vir a ser, ou seja, que ainda crescerá e, assim, virá a ter um pênis como o dos meninos.

Seguindo ainda o pensamento freudiano sobre a sexualidade feminina, desapontada em suas expectativas, a menina vê-se castrada e volta-se para o pai como forma dele lhe dar um substituto para o pênis, um filho, o que para isto, far-se-á necessário que ela troque de objeto de amor, da mãe para o pai, e troque de zona sexual, do clitóris para a vagina, momento no qual se percebendo castrada se inscreve a falta nesse sujeito, dando início ao seu processo edipiano e suas possíveis soluções. Sobre as saídas dos sujeitos femininos após o complexo de castração, cito Freud (1996 [1932]):

A descoberta de que castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí, partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal. Temos aprendido uma quantidade considerável, embora não tudo, a respeito das três (p. 155).

Conforme dito na citação acima, para Freud há um resíduo não elaborado a respeito do complexo de Édipo feminino, em outros momentos ele chega mesmo a afirmar, apesar de toda essa elaboração acerca da sexualidade infantil, que “sabemos menos sobre a vida sexual das meninas que sobre a dos meninos [...] a vida sexual das mulheres adultas constitui um ‘continente obscuro’” (FREUD, 1996 [1926], p. 212).

Lacan, leitor atento de Freud, não abandona o Édipo ao problematizar as questões que atingem a sexualidade feminina, todavia, avança na teorização freudiana logificando a questão do falo. De acordo com Soler (2003), Lacan aponta que a lógica fálica só dá conta da sexualidade feminina em parte, diferente dos sujeitos masculinos que são inteiramente submetidos a essa lógica. Sobre isto cito Collete Soler:

[...] ele próprio (Lacan) considera que o mantém (O Édipo freudiano). Tudo dele pode ser conservado, diz, desde que nele se reconheça a lógica de que falo. É ela que produz o homem, todo homem, a partir da grande lei da castração que só lhe deixa, em matéria de gozo, o chamado gozo fálico, limitado e descontínuo como o próprio significante. [...] quanto ao que merece ser chamado de mulher, é de outra coisa que se trata. [...] O outro gozo suplementar, que, longe de excluir a referência ao falo, soma-se a ela, não deixando de ser situável por uma outra lógica, esta não de conjunto: a do não-todo (SOLER, 2003, p. 17).

Nestes termos, o “continente negro”, apontado por Freud nos primórdios da psicanálise, é problematizado por Lacan como sendo a parte irrepresentável do ser feminino, em outros termos, o que da sexualidade feminina não pode ser nomeado ou capturado pelo falo. Esse algo que escapole às significações, na psicanálise lacaniana tem o nome de gozo suplementar, um gozo a mais, que as mulheres experimentam muitas vezes na parceria amorosa e que, em suma, fazem delas menos submetidas à lei fálica da castração.

É a partir desses dois lugares ocupados pelo sujeito feminino e masculino diante do falo e da castração, que as vivências de ambos nos relacionamentos amorosos terão posturas e perspectivas diferenciadas, como apontado por Ligeiro e Barros (2008), sendo a fase pré-edipiana para a menina, a determinante na sua vida enquanto mulher, ponto este que retomaremos mais adiante.

De antemão, podemos afirmar que diante de um não saber sobre a própria feminilidade, ausência do falo enquanto significante do desejo no corpo, a mulher tentará fazer suplência a essa falta por meio do amor e buscará exclusividade no desejo de um Outro. Assim sendo, o amor, sobretudo a perda do amor, poderá ser por ela sentida como uma devastação. Ela se perde ao perder o amor do homem (LEVY; GOMES, 2011).

Ao ser amado, o sujeito feminino procura seu ser ancorando-se no amor e no desejo do outro, exigindo do parceiro que ele a ame, porém, numa vertente de gozo ilimitado. Para Santos e Sartori (2007), a mulher estar amando é um vício, de modo que amar demais, enlouquecer de amor é uma vicissitude comum na vida erótica feminina.

Em seu “enlouquecimento”, exige do parceiro “provas de amor” que, por vezes, transcendem os limites da lei (SANTOS; SARTORI, 2011), o que gera mais e mais exigências dessa parceria amorosa e, conseqüentemente, diante da recusa ou da impossibilidade deste outro corresponder a essa demanda absoluta, o sujeito feminino experimenta uma dor psíquica nomeada por Lacan de devastação, conforme já pontuamos anteriormente, tornando o parceiro amoroso uma devastação para ela diante desse outro da falta, no seu gozo ilimitado, absoluto.

Miller (1998, p. 114) afirma que “o incondicional da demanda de amor, em seu caráter potencialmente infinito, retorna ao falasser feminino, precisamente sob a forma da devastação”, podendo a perda do objeto amoroso trazer a irrupção de uma desfalicização do corpo, uma errância, uma despersonalização, ou ainda, uma ameaça de autodesaparecimento. Ainda sobre essa questão Drummond et al. (2006, p. 45) apontam que a perda do amor de um homem pode ter “efeitos de afeto que vão desde leve desbussolamento até uma angústia profunda”, pois o gozo feminino constitui-se “um ponto de evanescimento subjetivo”.

A cada mulher se faz necessário um trabalho psíquico de invenção que possa dar tratamento a questão do seu ser de mulher. Sobre isso, percebemos, tanto na literatura quanto na clínica, que a cultura do amor ainda prevalece com esse sujeito que no amor se inventa para despertar o desejo do amado e tamponar a sua falta.

DA MASCARADA À MULHER

De um modo geral, a mulher busca no parceiro algo que preencha a sua falta, o seu vazio, buscando entender o que deve fazer para ser desejada, amada (KEHL, 1996). É a partir do olhar de um homem, de sua mãe e de outras mulheres, que a mulher tenta descobrir algo sobre sua própria feminilidade. Mas é preciso ocupar o lugar de “ser o falo” para se tornar objeto causa de desejo na fantasia de um homem.

Contudo, colocar-se no lugar de objeto não é tarefa fácil para uma mulher, visto que terá que rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, se apresentar com o sinal de menos, de estar marcada pela castração, lugar esse que no caso da histórica, ela se esquivava.

Conforme Kehl nos explica:

Se por um lado é impossível ameaçar alguém com a perda de um falo imaginário, por outro este imaginário se incorpora ao próprio ser da mulher – seu falo é a feminilidade mesma [...] nada a perder a não ser tudo o que faz dela uma mulher (a feminilidade) (KEHL, 1996, p. 45).

Segundo Lacan (1998), é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, para ser, por aquilo que não é, desejada e amada. A exemplo disso, temos as inúmeras concessões, sacrifícios e semblantes que uma mulher é capaz de fazer para permanecer na sua parceria amorosa.

Para o autor, a *verdadeira mulher* só existe de verdade quando se apresenta como menos. Lacan (1966 apud RANGEL, 2008) formula a respeito da *verdadeira mulher* ao separar a condição de mulher da de mãe, sendo a *verdadeira mulher* aquela que escolhe ser mais mulher do que mãe. Para além da mãe que se satisfaz com o filho que tem, há uma mulher, com seu misterioso desejo, o qual é interrogado por ela (RIBEIRO, 2011).

Se, para uma mulher, a prova essencial do desejo do Outro falha: “um buraco se abre sobre seus pés pelo qual ela escorregará facilmente para uma passagem ao ato ou ao desespero” (ZALCBERG, 2008, p. 74). Há, por parte da mulher, uma esperança (ilusão) de que o amor venha lhe dar a sustentação para o seu ser, onde o amor e a existência estão intimamente ligados. Na posição feminina, a mulher faz o seu ser depender quase exclusivamente do amor, é ele que a identifica, sendo essa demanda uma demanda de ser, fazendo do amor um dos semblantes ao qual a mulher recorre para tamponar sua falta de significante do sexo feminino (LACAN, 1977).

Para uma mulher, seu gozo exige o amor de seu amado, exige que este lhe fale de amor, amando de forma a demandar do parceiro seu amor, dando ao parceiro o lugar de *Outro*, num amor que aponta para o infinito, que comunga com o campo não todo, um amor não limitado pela castração (BARRETO, 2015). Buscando ser amada pelo que não é, a mulher, na sexuação lacaniana, é convidada a ser objeto causa de desejo do parceiro, mascarando-se enquanto falo para conquistar o amor do seu homem, demonstrando-lhe ser o significante do seu desejo, o que em Lacan (1999), vê-se que a identifica profundamente com o significante fálico que a liga a sua feminilidade.

Quando não sustentada nesse lugar, o que recai sobre a mulher é a devastação, “Ela não consegue identificar-se ao objeto causa de desejo, ficando identificada a um objeto-dejeto, impossibilitando-lhe uma posição de dignidade diante do outro amado, restando-lhe,

apenas, a devastação” (MAIA, 2010, p. 42), uma vez que ser devastado significa algo que não termina, que não conhece limites, em que o importante é ser amada, mesmo como objeto-dejeto. É em função dessa estrutura que um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher, para o melhor e para o pior (MILLER, 2015).

Tendo discutido, pois, sobre os possíveis lugares da mulher na relação amorosa, sendo a devastação uma das consequências possíveis na relação do sujeito feminino com o objeto de amor, trataremos, por conseguinte, da devastação e dos aspectos psíquicos do sujeito envolvidos nesta.

DEVASTAÇÃO FEMININA: DA RELAÇÃO MATERNAL À AMOROSA

Retomando, portanto, o complexo edipiano da menina, podemos afirmar que é da relação mãe e filha, no que tange ao falo e ao desejo, que o sujeito feminino pode estruturar-se na devastação. Para Lacan (1999 [1957-1958], p. 282) “não é um mais ou um menos que tenha ou não tenha sido dado ao sujeito, mas é aquilo pelo qual o sujeito almejou e identificou o desejo do Outro que é o desejo da mãe”. Desta afirmação, entendemos que é a partir do lugar que o sujeito se situa no desejo da mãe e com o falo, que ele se colocará na posição devastada, que do contrário, será preciso que a filha se desloque da posição de demandar da mãe o falo, que esta também não tem, subjetivando que a mãe também é faltosa. Para Drummond:

[...] a devastação tem um lado de reivindicação fálica, ligado ao desejo da mãe, e um lado não todo fálico, um modo de gozar que se articula ao deslumbramento do corpo e que deriva da dificuldade de simbolizar o gozo feminino. Ela se origina no ponto em que a filha espera uma identificação feminina que sempre se revela impossível. Para o sujeito feminino, é sempre difícil desprender-se dos impasses do gozo, ali onde a deixou o desejo materno (DRUMMOND, 2011, p. 12).

Para Lacan (2001 [1972]), no tocante as primeiras referências a devastação, este citará que ao esperar mais da mãe do que do pai, enquanto alguém que lhe dará a identificação de sua feminilidade, a filha fantasiará uma troca fálica impossível com a mãe, e que na não possibilidade desta, a mãe gozará disto, no que se constituirá uma relação devastada entre mãe e filha, visto a troca fálica impossível e o imaginário acerca do gozo da mãe por isso. Posteriormente, o autor referir-se-á a relação amorosa do sujeito feminino como sua segunda forma de devastação, quando este demanda o amor da mãe a um homem, quando demanda que este lhe dê aquilo que sua mãe não pôde dar enquanto significante fálico, no que diz

Lacan (1975-1976/2007, p. 98), “um homem é pior que uma aflição e um sintoma para uma mulher - é mais uma devastação”.

Assim, a separação amorosa para uma mulher cause-lhe a não sustentação de uma máscara que a identifique como mulher, que junto ao seu gozo singular, faz sua demanda de amor retornar sobre si como forma de devastação (MILLER, 1998).

Para além dessa reivindicação fálica à mãe, a devastação feminina também parte de sua relação ao que já em Freud era apontado como o que não se consegue saber sobre o feminino, o seu enigma, e que em Lacan é denominado de gozo, resto que sobra ao gozo fálico da mulher e lhe é suplementar. É desse lugar desconhecido da mulher (filha), que confrontado com o gozo da mãe, virá a devastação, em outros termos, esse lugar da mãe enquanto mulher inacessível a filha convoca neste sujeito uma interrogação acerca de seu próprio ser de mulher. Cada mulher terá, pois, que se haver com o atravessamento de sua feminilidade, a menina ao ver a mãe se interrogará: como ela faz para ser mulher? Resposta inacessível que a convoca ao próprio vazio de seu ser de mulher.

Para Miller (1999, p. 129), “[...] uma mulher tem sempre um ponto de devastação, que não há relação com a lei que possa poupá-la disso, no mesmo sentido em que Lacan dizia que a verdadeira mulher tem sempre algo de perdida”. A partir desse exposto, Lacan nos diz que a devastação atravessa a subjetividade de toda mulher causada pelo gozo suplementar que lhe é peculiar e de sua infinita demanda de amor, seja via relação mãe-filha, seja via parcerias amorosas, levando a mulher a decorrências subjetivas catastróficas. Sobre isso nos explica Drummond (2011):

Para a mulher haveria uma versão de gozo que aponta para um sem limites em sua experiência corporal, para o infinito, já que não há uma exceção que a constitua como categoria universal. A devastação pode, a partir dessa leitura de Lacan do gozo feminino, ser lida como uma dificuldade estrutural própria à inexistência do todo feminino. (p. 10)

Assim, por ser articulada pelo gozo absoluto, que perpassará as relações com objetos de amor da mulher, seja na relação com seu corpo, na relação materna ou amorosa, o sujeito feminino terá recaída em si a devastação. As relações amorosas deste sujeito serão, pois, conforme já citado em Freud (1996[1931]), herdeiras do relacionamento da mulher com a mãe, causando-lhe uma insaciável busca de amor para dar-lhe aquilo que a identifique enquanto sujeito, aquilo que na relação materna não pôde obter e que, por vezes, encontrará na condição de mascarada, de objeto de desejo do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão apresentada, percebemos que tanto para o masculino quanto para o feminino, o amor é tecido pela falta, em outros termos, pela castração, e pela ilusão de ambos em dar um ao outro aquilo que se tem, de preencher o outro perdido em sua falta, em sua causa do desejo.

Trazendo à discussão a concepção lacaniana “A mulher não existe” (LACAN, 2009 [1971], p. 69) diante desse exposto sobre o gozo e suas implicações nos sujeitos masculino e feminino, sabe-se que esta máxima diz respeito ao fato de não haver um significante, ou seja, uma representação que a especifique. Em busca, pois, de tamponar o vazio em que consiste a representação do que vem a ser uma mulher, em sua ausência e vazio de não ter um significante que a represente no feminino, tenta se fazer existir, muitas vezes, pela via do olhar do outro, na vertente amorosa.

Salientando que ao longo deste trabalho, não objetivamos diferenciar o sofrimento de amor do homem e da mulher, é indiscutível que a separação amorosa cause essa dor em ambos os parceiros da relação. Como visto, em Freud (1917), na perda do objeto de amor, a pessoa vivencia o luto, que sobrecai no eu, causando-lhe um desregramento psíquico em que o sujeito desarticula sua fantasia ligada ao objeto de amor, levando-o ao sofrimento.

Entretanto, sabe-se que para o sujeito feminino, por vezes, a relação amorosa é experimentada diferentemente, devendo-se a sua peculiar estruturação subjetiva. Freud (1996) afirma que para a mulher, a angústia experimentada não está referida à perda real do objeto, mas à perda do amor por parte do objeto, conforme já discutimos anteriormente, o que corrobora na teoria da sexuação lacaniana quanto ao lugar do sujeito feminino numa posição de não-toda fálica, que aponta para um gozo absoluto, ilimitado, estranho a si mesma.

Assim, percebemos que embora cada sofrimento se faça único em cada sujeito, o sofrimento de amor, de alcance para a grande maioria dos sujeitos, mas em aparente maior demanda nos femininos, faz-se compreensível pelo possível lugar subjetivo do sujeito na relação. A mulher, portanto, que encontra sua identificação feminina enquanto objeto de desejo do outro na relação amorosa, fantasiando o parceiro a partir de seus desejos, ao término dessa parceria, a experimentará como uma possível morte do seu ego, atravessando tal angústia numa espécie de dissolução de si mesma, do lugar de um ser “fora de lugar”, devastado, visto que o amor e a devastação têm uma relação estreita, pelos seus ambos registros na falta de significante do Outro.

Por fim, pretendemos despertar a reflexão e análise de como os sujeitos femininos vivenciam as separações amorosas e, a partir daí, tirarmos consequências destas elucubrações para clínica com mulheres. Nesse interim, uma das consequências que aqui destacamos é a importância de saber diferenciar a separação amorosa da devastação feminina, o que se torna fundamental no manejo clínico com as mulheres em tratamento analítico, mesmo quando esses processos, muitas vezes, acontecem juntos.

Na separação amorosa, o que ocorre, como foi desenvolvido, é um luto que todos os sujeitos neuróticos podem experimentar e atravessar num processo de análise, a partir das diretrizes ensinadas por Freud em luto e melancolia. Na devastação amorosa, algo mais complexo é experimentado nos sujeitos femininos, tratando-se da perda daquilo que localizava esse sujeito no campo da representação subjetiva. Nesse processo, o trabalho analítico será propiciar ao sujeito feminino a condução de uma elaboração onde a mulher se localize a partir de seu vazio, de sua solidão e de sua singularidade como sujeito, numa travessia única e extremamente particular.

ABSTRACT

One of the most difficult experiences of the subjects in life occurs front of a loving separation and all mental suffering resulting therefrom. Knowing that the subjects assume different positions in romantic relationships, with regard to male and female jouissance, the woman in the phallic logic is located on the non-phallic, side of a jouissance beyond language, infinite, with no significant that represents. The neurotic subject search your location from the other's desire, either in his infinite love mother to demand is the partner who, in loving relationships, supports his subjective position. Like this, this study aims to discuss about the peculiarities that involve and they particularize the loving separation in the feminine subjects, especially, on the constitution of the feminine and their destinations in this process. To this end, it made a literature search based on Freudian-Lacanian theoretical framework, from which we have seen that both the male and the female, love is woven by the lack, by castration, and the illusion of both to give a the other the phallus that they don't have it. The woman finds her feminine identification as an object because of the other's desire in loving relationships, at the end of this partnership, she can go through the anguish that leads to a kind of dissolving itself, the place of being "out of place" devastated since love and devastation have a close relationship, by their both records in the absence of significant of the other.

Keywords: Separation; Feminine; Devastation.

REFERÊNCIAS

BARRETO, E. F. **A erotomania:** entre o feminino e a psicose. Trabalho apresentado na I jornada do Corpo Freudiano de João Pessoa, 29 de agosto de 2015.

CARUSO, I. **A separação dos amantes:** uma fenomenologia da morte. São Paulo: Diadorim: Cortez, 1986.

DRUMMOND, C. Devastação. **Opção Lacaniana Online.** Nova série. Ano 2, n. 6, novembro, 2011. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/devastacao.pdf>. Acessado em: abril de 2016.

DRUMMOND, C. et al. Devastação, outra face da angústia. **Opção lacaniana.** São Paulo. (45): 44-47, mai/2006.

FERREIRA, E. P. A separação amorosa: uma abordagem psicanalítica. **Psicanálise & Barroco em revista,** v. 8, n. 1: 56-97, Belo Horizonte, jul. 2010.

FILHO, R. M. Ages conforme teu desejo? Uma reflexão sobre as relações amorosas segundo Lacan. **Psicanálise & Barroco em revista,** São Paulo, 2012. v. 10.

FREUD, S. (1917 [1915]). **Luto e melancolia.** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud,** vol. XIX. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926). **Inibições, sintomas e angústia.** Obras completas, ESB, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1931). Sexualidade feminina. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 21.

_____. (1933 [1932]). Feminilidade. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud,** vol. XXII. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 155.

_____. (1937). **Análise terminável e interminável.** Ed. Standard Brasileira, vol. XXIII, Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 80.

KEHL, Maria Rita. A mulher e a lei. In: _____. **A mínima diferença:** masculino e feminino na cultura. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 44-45.

LACAN, J. (1964-1965) **O Seminário – livro 17.** O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1972). “Lituraterra”. In: **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

- _____. (1975-1976). **O seminário, livro 23: o sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. Vers un significant nouveau. **Ornicar?** 1977.
- _____. (1958). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1957-1958). **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- _____. ([1971]). **O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2009.
- LEVY, L.; GOMES, I. C. Casamentos e recasamentos: diferentes tempos de um encontro amoroso. **Cadernos de Psicanálise - SPCRJ**, 26(29), 2010.
- _____. **Relações amorosas: rupturas e elaborações**. Tempo psicanal. vol. 43, n. 1, Rio de Janeiro, jun. 2011.
- LIGEIRO, V. M.; BARROS, R. M. M. (2008). **Violência e poder: repercussões no feminino - A violência do abandono na mulher**. Disponível em: <www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/MR_395a.pdf>. Acessado em: março de 2016.
- MAIA, M. A. M. **Obscenidade do abandono: a devastação feminina em Marilene Felinto**. 2010. 153 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Paraíba, Mestrado em Literatura e Interculturalidade, Campina Grande, 2010.
- MILLER, J.-A. “O osso de uma análise”. In Agente – **Revista de Psicanálise da Escola Brasileira de Psicanálise**, Seção Bahia. Salvador: EBP, 1998, p. 114.
- _____. “Un répartition sexuelle”. In **Revue de psychanalyse La Cause freudienne** (40). Paris: ECF, 1999.
- NASIO, Juan-David. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- _____. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- RANGEL, M. B. S. **Histeria e feminilidade**. 2008. 102 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Veiga de Almeida, Mestrado Profissional em Psicanálise, Saúde e Sociedade, Rio de Janeiro, 2008.
- RIBEIRO, M. A. C. **A Neurose Obsessiva**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SANTOS, T. C.; SARTORI, A. P. **Loucos de amor! Neuroses narcísicas, melancolia e erotomania feminina**. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro, 2007, v. 39, 13-33.

SOLER, Collete. **O que Lacan dizia das mulheres.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ZALCBERG, M. **Amor paixão feminina.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.